

ENTRE A HISTÓRIA E A FICCÃO CONSTRUÇÃO DE VIDA EM NARRATIVAS GARIMPEIRAS DO TEPEQUÉM-RR

Devair Antônio Fiorotti

Doutor em Literatura pela UnB
Professor da UERR e PPGL-UFRR
E-mail: devair.fiorotti@pq.cnpq.br

Paulino Batista Neto

Professor Mestre em Letras e Cultura Regional pela UFRR
Professor da UERR
E-mail: paulinobatistan@hotmail.com

ENTRE A HISTÓRIA E A FICCÃO CONSTRUÇÃO DE VIDA EM NARRATIVAS GARIMPEIRAS DO TEPEQUÉM-RR

BETWEEN HISTORY AND FICTION CONSTRUCTION OF LIFE IN MINERS OF TEPEQUÉM -RR NARRATIVES

RESUMO

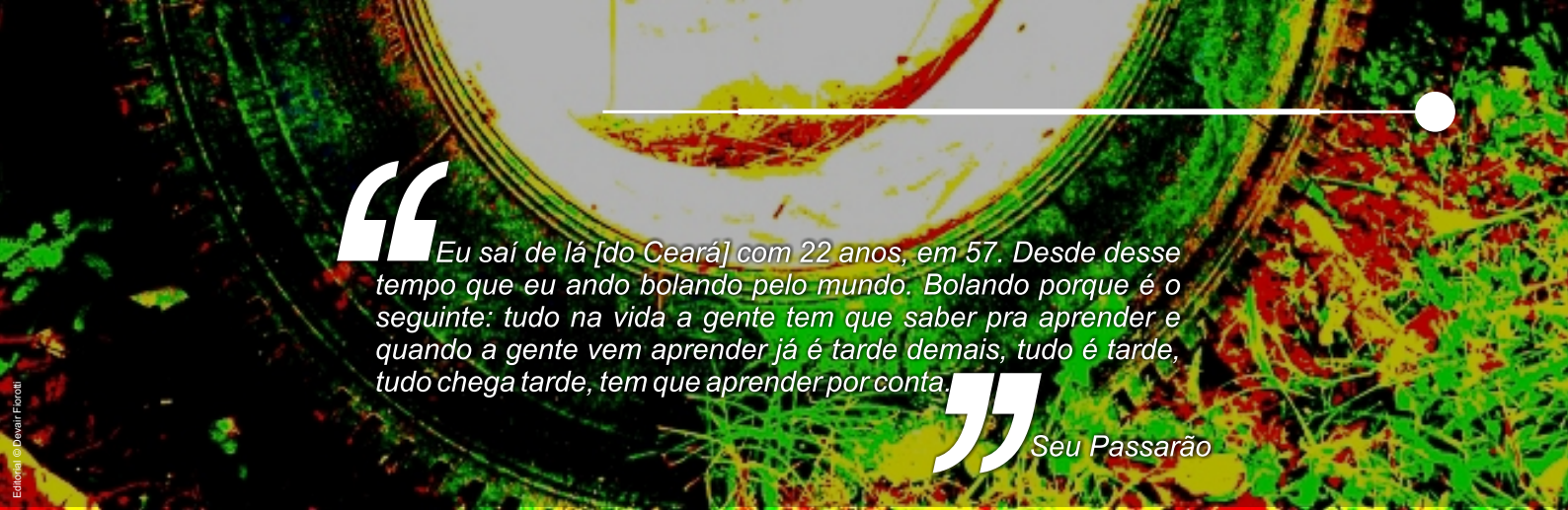
O presente estudo analisa algumas narrativas de garimpeiros do Tepequém, Amajari, Roraima, Brasil. Objetiva, a partir dessas narrativas, discutir a dificuldade que se tem em separar o que seria realidade, História e ficção quando se parte de narrativas orais, principalmente de história de vida. A metodologia de coleta e trato das narrativas origina-se da História Oral, e a análise ancora-se na perspectiva multidisciplinar dos Estudos Culturais.

PALAVRAS CHAVE: Realidade, ficção, história, garimpeiros Tepequém.

SUMMARY

This study analyzes some of the stories of miners of Tepequém, Amajari, Roraima, Brazil. It aims, from these narratives, to discuss the difficulties we have in separating what was reality, History and fiction when dealing with oral narratives, particularly of life history. The methodology of data gathering and handling comes from the Oral History, and the analysis is anchored in the multidisciplinary perspective of Cultural Studies.

KEYWORDS: reality, fiction, history, miners of Tepequém.



“ Eu saí de lá [do Ceará] com 22 anos, em 57. Desde desse tempo que eu ando bolando pelo mundo. Bolando porque é o seguinte: tudo na vida a gente tem que saber pra aprender e quando a gente vem aprender já é tarde demais, tudo é tarde, tudo chega tarde, tem que aprender por conta.”

Seu Passarão

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa **Do carvão ao diamante**, que está em execução na Universidade Estadual de Roraima desde 2008. Ele objetiva registrar e analisar as narrativas de antigos garimpeiros da região do lendário Tepequém, situado no município do Amajari, em Roraima. Esse artigo apresenta resultados dessa pesquisa, analisando questões do imaginário daquela região que se chocam com certos estatutos de verdade, de história como algo que representaria o real. A metodologia de coleta de dados origina-se da História Oral, conforme apresentado por Alberti (2004), e análise de dados ancora-se nos Estudos Culturais, a partir de seu caráter multidisciplinar. Há aqui uma busca de problematização do estatuto de verdade, fato histórico, e de ficção, a partir das narrativas de antigos garimpeiros ainda residentes no Tepequém. Todas as narrativas foram coletadas entre 2008 e 2010.

Buscar na memória vestígios que trazem à tona um “tempo perdido” é de alguma forma reviver o passado. Isso significa que o passado não pode ser reconstruído integralmente, pois ao revivê-lo ele se torna diferente e é carregado de novas significações e interpretações que fazem parte do tempo presente. Nesses termos, o passado é “reconstruído” pelo olhar de quem viveu o momento buscado, e ele se manifesta até nós não só por documentos escritos mas, também, pela oralidade de quem viveu ou testemunhou determinados fatos. Fatos esses que podem, a todo o momento, se aproximar das fronteiras da ficção. Peter Burke, em sua obra *As fronteiras instáveis entre história e*

ficção, faz uma análise da trajetória dos pensadores que estudaram essas fronteiras, ressaltando que o período atual é o mais fértil, uma vez que essas fronteiras se reabriram para novas discussões (BURKE, 1997).

Nesse ponto, busca-se pensar as narrativas orais como um olhar sobre a história, mas que não se projeta como meras cópias da realidade mas, como possibilidades de acontecimento, que estariam intimamente ligadas com os sentimentos e a imaginação de quem fez parte do momento de sua realização. Assim, as narrativas de vida dos garimpeiros do Tepequém são concebidas não como cópias da realidade, mas como possibilidades de uma realidade vivida, que passou pela peneira do tempo e das sutilezas do imaginário que, conforme Paul Ricoeur (1997, p. 317), “se incorpora à consideração do ter-sido, sem com isso enfraquecer seu intento 'realista’”. Trata-se, pois, do caráter do papel do imaginário na forma de encarar o passado tal como foi.

O que sei, eu conto; o que não sei, invento.” É dessa maneira que José Alves de Araújo, também conhecido como Passarão dos Cachorros, começa sua narrativa. Ele é outro personagem desse enredo-Tepequém. Ele pegou esse apelido porque era magro e trabalhava de calção, deixando à mostra suas pernas finas. Nasceu no Ceará, perto de Iguatu, acima da represa do açude de Orós, mas desde cedo, como muitos outros, saiu de sua terra natal para ir atrás de melhores condições de vida. Na sua fala está inserida a questão à qual nos

referimos acima: a fronteira entre a realidade vivida e o que pode ser fruto de sua imaginação. Invenção revestida de fatos ou a realidade lapidada pela imaginação, principalmente por um processo criativo em que realidade e ficção parecem se fundar?

Uma das narrativas que trazem fundo para essa questão é de Seu Pedro Cordeiro. Ele nasceu no Tepequém em 1953, mas seus pais vieram de Crateús, Ceará, em 1947. Quando perguntado se os mortos vêm indicar o local onde estão os diamantes escondidos por eles, Seu Pedro Cordeiro é pontual ao declarar: “Isso aí também é verdade. A mamãe, a mamãe foi enterrada. Então ela veio num sonho por uma amiga dela pra desenterrar, pra tirar o ouro. O diamante foi desenterrado e tirado. Um picuá de diamante e um picuá de ouro.” Para dar veracidade à sua história, Seu Pedro inclusive detalha como ocorreu esse “fato”, ao dizer que sua mãe veio em sonho a uma amiga indicando o local onde estavam enterrados os picuás: um contendo ouro; o outro, diamante.

Seu Porvinha, Benedito Avelino, originário do Ceará, também nos conta sobre histórias dessa natureza, mas com características distintas. São histórias de assombração que, segundo ele, são comuns no garimpo:

Aqui tem um moço que acha graça de noite, viu. Fica atirando de metralhadora aí, detrás da barraca, viu. Mas isso é o pessoal do tempo da revolução. Nem tô ligando pra isso, não. Do tempo da revolução, tempo da guerra. Eles vêm visitar a gente também. Isso aqui é menino gritando aqui, pra tudo quanto é lado, viu, nesse baixão aqui. À noite, de dia é sempre também. Às vezes tô almoçando aí, aí chega: “ô, conterrâneo!” Eu saio pra fora: “Quem é que tá aí?” Nada, num tem ninguém.

Seu Porvinha afirma haver companheiros seus do tempo em que era militar, que aparecem para visitá-lo. Ele fala de uma revolução, mas não é bem preciso quanto a isso. Ele afirma que outras assombrações também costumam aparecer não só

à noite, mas também durante o dia. Ele continua:

Isso aqui é a visão do garimpo mesmo, é a visão do garimpo. Todo lugar que tem muita idolatria desse jeito, idolatria que eu digo é ignorância, viu, aí sempre tem essas coisas. Aquele espírito sofredor, sem-vergonha, que já morreu enforcado, de bala, aí fica aí, fica aqui, nem vai pro céu nem pro inferno. Ele fica aqui, viu. Fica fazendo coisas pros outro aí, viu, empurrando a gente dentro dos buraco.

Seu Porvinha acrescenta que esse tipo de ocorrência é comum no garimpo, inclusive chega a afirmar que esse tipo de acontecimento “é a visão do garimpo”, uma vez que é motivada pela própria ignorância, que ele chama de idolatria, que há no local.

Nesse processo de elaboração textual os entrevistados acima revelam uma capacidade imaginativa ao narrar, segundo eles, acontecimentos realmente ocorridos. Até que onde inicia ou termina a realidade e onde começa ou finda a invenção nessas narrativas? Seríamos muito simplistas se afirmássemos que tais acontecimentos não passam de pura invenção ou mentira, ou mesmo de tudo verdadeiras, no sentido de factual. No entanto, da forma como contam essas histórias, preferimos dizer que se trata de uma necessidade que não é exclusiva do garimpo, mas lá parece adquirir uma dimensão maior. Necessidade que parece fazer parte da identidade do garimpo, oriunda de seu tipo de vida e de suas características, tais como isolamento, a busca por riquezas, obrigando a situações de vida extremas, como solidão, violência, falta de assistência institucional, como de redes de saúde, educação e cultura formal.

No percurso de análise das narrativas orais dos garimpeiros ou ex-garimpeiros da Serra do Tepequém, também há posicionamentos que se confrontam em algumas passagens, sobre determinadas situações vividas ou presenciadas. Ao ser indagado por Devair Fiorotti acerca da



quantidade de garimpeiros no Tepequém, João Araújo de Souza, natural de Goiás e que chegou em 1947 no Tepequém, conhecido como Seu Cuia, afirma que no Tepequém tinha mais de dez mil pessoas, número este que é confirmado por Seu Porvinha.

Antônio Bezerra Nunes, garimpeiro que faz parte do grupo de nossos entrevistados, conhecido como Seu Bezerra, é roraimense, mas seus pais são cearenses. Ele tem 85 anos e chegou no Tepequém pela primeira vez em 1942, aos 14 anos de idade. Ele, por sua vez, nos fala em números menores, mas mesmo assim declara ter havido um contingente bem expressivo de garimpeiros: “Tinha muito garimpeiro, né. Eles falam, não sei, a gente ainda era meio novo, não tinha base de nada, mas falavam que tinha umas cinco mil pessoas aqui dentro”.

Seu Laucides Oliveira é um de nossos informantes do Tepequém. Ele não foi garimpeiro, mas morou no Tepequém ainda jovem, após sua vinda do Rio de Janeiro, em 1953. Ele diminui bastante o número de pessoas, com base no que viu quando esteve no Tepequém, de março a dezembro de 1953:

No Tepequém, de fato, diziam que tinha mil e tantas pessoas lá, e etcétera. Não foi o que eu encontrei. Encontrei talvez uma população de quatrocentas a quinhentas pessoas. Entre garimpeiros, prostitutas e aderentes ao garimpo, eu encontrei uma população de quinhentas pessoas no máximo.

Seu Bezerra que havia se manifestado quanto ao elevado número de garimpeiros no garimpo do

Tepequém, também o fez com relação ao quantitativo de diamante extraído dessa região:

Dava diamante em todo lugar, né. Pegava diamante, como eu e outros companheiro que trabalhava, todo dia a gente pegava. Nesse tempo era barato o diamante. Aqui tinha diamante de todo tamanho. A maior pedra que eu vi aqui foi uma de 24 quilates do Gringo, que um carioca pegou, um carioca, roubou a pedra. Mas tem muito diamante aqui agora. Lá no Cabo Sobral tem um barranco, mas ninguém pode tirar, só máquina. Aqui no pé daquela serra, ali tem diamante também, mas lá só vai na bala e ninguém pode dar tiro, pois é, muita pedra só vai na dinamite, né? Mas que tem diamante aqui tem e tem muito ainda.

O entrevistado fala em quantidade elevada de diamante, mas lamenta o baixo valor que ele tinha naquela época, ao mesmo tempo em que aponta haver ainda grande quantidade de diamante a ser explorado em todos os lugares, contudo, diante da proibição da lavra mecanizada apenas adormecem. Contudo, Seu Zé Maria, garimpeiro que trabalhou no Garimpo do Tepequém na década de 40 do século passado, oriundo do Ceará e soldado da borracha, apresenta números bem mais modestos sobre os temas acima, alegando que há muito exagero e tudo são histórias e conversa fiada. Ele se manifesta assim sobre o número de pessoas que lá trabalhavam:

Ah, o Tepequém, também exageram! O Tepequém nunca teve mil pessoas. Rapaz, vai contar de mil que você passa um bom pedaço. O pessoal exagera. Por que não fala a verdade? O Tepequém nunca teve isso! A época que o Tepequém teve mais gente foi na época do seu Levindo, só tinha um comércio lá. O Tepequém, com sinceridade, nunca chegou a seiscentas pessoas. É verdade o que to dizendo: nunca teve seiscentas pessoas, eu tava lá e vi. Eu passei doze anos dentro do Tepequém, sem sair de lá. Uma das vezes eu passei seis anos sem vir aqui em Boa Vista. Eu conheci aquilo ali a fundo; eu era mais conhecido do que farinha e conheci todas aquelas turmas, porque eu mexia com tudo aquilo ali. Tudo isso é conversa, nunca teve. Há muita mentira na história, muita, mas muita, muita mesmo, tudo isso é conversa.

[...] No Tepequém nunca chegou a ter vinte mulheres da vida, nem vinte. No tempo do Levindo, da velha

corrutela, que teve mais mulheres, mas nunca chegou a ter vinte.

Quando questionado sobre o tema referido, o entrevistado é bastante enfático ao defender que os exageros são fruto de pessoas descomprometidas com a verdade. Ele alega conhecer profundamente o garimpo principalmente no seu período áureo, na época do Seu Levindo, ocasião em que passou seis anos ininterruptos sem sair de lá, sendo “mais conhecido do que farinha”, o que, segundo ele, o credencia a fazer tais afirmações. Mais adiante ele também declara ser inverídica a quantidade de mulheres da vida no local, sendo categórico ao dizer que não passavam de vinte. Quando indagado se houve muito diamante no Tepequém, ele é decisivo:

Não, exageram muito. No Cabo Sobral só teve dois lugares que deu muito diamante: a mancha do Brasil e a mancha da Venezuela. Hoje eu vejo tanta gente contar muitas histórias. Hoje eu fico calado, não digo nada. Agora muitas pessoas viviam no Tepequém, ficavam ali, hoje esse corte não deu, mas esse outro vai dar, porque não tinham pra onde ir, tinham que ficar ali mesmo. Não tinha pra onde correr, aí pegava um diamantezinho se animava aí de novo, comia o dinheiro daquele diamante até pegar outro. O cara não vive no nordeste trabalhando pro outro no cabo da enxada pra ganhar dois mil reis por dia pra no final de semana receber aquela mixaria e não passa anos e mais anos, forma a família ali, o filho casa e vive naquela vida ali? Então, vir pro Tepequém é muito melhor, o clima é melhor, você tem muita água, tem liberdade. Você não pega diamante hoje, mas amanhã vai e pega; você não tem uma coisa e vai com um amigo e arranja e o cara vai levando, mas nada de bamburro, como diz o garimpeiro. Bamburra, mas é um que bamburra e dez ou vinte fica olhando. Eu conheci o Tepequém quando ele nasceu, eu conheci o Tepequém quando ele morreu.

Mais uma vez Seu Zé Maria reforça que há muito exagero em torno da história do Tepequém. Desta feita fala que a quantidade de diamantes extraída no Tepequém é muito aquém do que comentam. Ele revela que a permanência da maioria naquele local se dava por não haver outra

condição de vida e desta forma ia levando-a, pegando um “diamantezinho” e vivendo na expectativa de noutro dia pegar outro. Seu Zé Maria ainda declara que, mesmo passando por dificuldades, a vida no Tepequém era melhor do que a do Nordeste, principalmente por ter um clima agradável e pela fartura de água.

Diante das declarações acima, fica evidenciado que alguns apontam para números mais elevados de determinados acontecimentos ao passo que outros já têm uma visão mais comedida. Isso nos autoriza a especular que talvez isso se deva pelo afastamento dos últimos narradores do local em estudo, possibilitando-lhes outra visão, ao passo que os demais ainda se encontram no Tepequém e, por essa razão, ainda respiram a atmosfera mítico-lendária do garimpo; ou, talvez, por quererem defender suas permanências naquele lugar, valorizando-o, mesmo diante de certas dificuldades.

Efetivamente há versões diferentes de determinados fatos, já que cada informante adiciona em suas declarações valores e ideologias que foram mediados pela ação do tempo. Dessa forma, não se pode simplesmente considerar uma ou outra versão como “invencionice” ou simplesmente “mentira”, mas simplesmente como versões diferenciadas, acréscimos ficcionais, que nos remetem em direção a esses homens e mulheres do garimpo.

Maria da Glória Bordini (2006, p. 20-21), declara que a realidade é uma construção humana, que aquilo que acreditamos ser real não passa de uma versão dependente dos interesses envolvidos. Não há, portanto, objetividade, mas apenas interpretações, nas quais um emissor comunica a um destinatário um enunciado individualizado em que estão contidas as posições que os dois ocupam nessa cadeia. A autora ainda ressalta que se esse

enunciado circula em outras esferas de comunicação, torna-se uma interpretação coletiva mas, também, pendente das condições em que é aceita. Logo, se a realidade só se oferece através das subjetividades que a descrevem, os valores contidos se tornam relativos, uma vez que a verdade que é dita sobre algo está condicionada por uma história pessoal ou, ainda, por uma convenção coletiva.

Hodiernamente, a história quer dizer narração de fatos notáveis ocorridos na humanidade que apresenta em sua natureza aspectos de confiabilidade ao passo que ficção identifica-se com fingimento, simulação, invenção de coisas imaginárias. Também é possível especular inicialmente que há por parte de alguns literatos a intenção de defender que as grandes obras se alicerçam, sobretudo, na liberdade de imaginação, que as tornam capazes de se tornarem atemporais aos mais diversos públicos. Numa direção oposta, encontram-se alguns historiadores que defendem a possibilidade da verdade, baseada em um rigor metodológico e em uma constante preocupação no manejo de suas fontes. Contudo, desde a Antiguidade Clássica, ficção e realidade aparecem como partes constituintes da História, pois os historiadores acabavam por misturar em seus textos acontecimentos reais com fatos mitológicos:

Na Antiguidade clássica, a invenção de discursos pelos historiadores que afirmavam dizer a verdade não era considerada uma prática aética. Em outras palavras, escritores gregos e seus públicos não colocavam a linha divisória entre história e ficção no mesmo lugar em que os historiadores a colocam hoje (ou foi ontem?) (BURKE, 1997, p. 108).

Fazendo uma breve retrospectiva, a História, à medida que se consolidava como ciência, defendendo seu discurso diante da evidência dos fatos, procurava demarcar os limites que a separava da literatura e esta buscava marcas como

inventividade, gratuidade e ornamentação textual, contudo ambas sustentavam-se balizadas pela verdade. A história como algo “realmente existente” e literatura como “idealmente existente”. A história centrando-se no particular, a literatura buscando extrair o que é geral e essencial do particular para ultrapassá-lo. No entanto, no final do século XX, conforme Francisco Iglesias (1988), as fronteiras entre ficção e ciência foram abertas e questionadas principalmente pelos novos filósofos franceses, entre eles Paul Ricoeur. A historiografia é hoje tão variável que é difícil reduzi-la a uma só tendência, uma vez que são muitas as formas historiográficas, dificultando qualquer conceito que não seja plural.

Hayden White (1995) defende que a história não é mais do que uma ficção, uma vez que ela é uma “narrativa” que faz uso dos mesmos procedimentos da ficção. Os acontecimentos reais podem ser relatados de várias formas e ainda em diferentes tipos de relatos, visto que nenhuma sequência de acontecimentos “reais” possui linearidade ou causalidade, desfazendo-se, desta forma, as fronteiras entre ficção e realidade. Ele acrescenta que os historiadores, visando a uma história com estatuto científico, têm desprezado o papel que desempenha o imaginário em seu trabalho. O temor do afastamento da objetividade leva ao desperdício de parte da riqueza do material que tem em mãos.

Filósofos como Hegel, Marx e Nietzsche viam na interpretação da história a própria alma da



historiografia. Suas interpretações diferiam radicalmente dos historiadores propriamente ditos, pois estes renunciavam ao impulso de decifrar o “enigma da história” e identificar o plano ou meta do processo histórico, pois procuram explicar o que aconteceu no passado através de uma minuciosa reconstrução dos acontecimentos registrados em documentos, reprimindo, enquanto pode, seu impulso para interpretar os dados, ou pelos menos indicando no percurso de sua atividade narrativa onde está representando e onde está interpretando (WHITE, 1994).

Nos dias atuais, registram-se pontos de encontro entre história e ficção, uma vez que ambas são formas de linguagem que têm como objeto a atividade humana. A história, que tem como princípio a investigação e o registro de fatos pertinentes à sociedade, utiliza-se de leis científicas, no entanto não negligencia a ficção. O caráter científico conquistado pelo conhecimento histórico não é suficiente para suprir toda a demanda narrativa, que mantém estreita relação com a base ficcional. Não existe uma separação rígida entre o real e o ficcional, mas uma constante relação entre eles.

De acordo com Wolfgang Iser (1996b, p. 13), “como o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingido, a preparação de um imaginário”. Nessas condições, o fictício é uma realidade que se repete pelo efeito do imaginário, ou o fictício é a concretização de um imaginário que traduz elementos da realidade e ambos estão presentes em qualquer atividade humana. Nessa perspectiva,

A relação opositiva entre ficção e realidade retiraria da discussão sobre o fictício no texto, uma dimensão importante, pois, evidentemente, há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que

também pode ser de ordem sentimental e emocional (ISER, 1996b, p. 14).

Não existe numa narrativa ou numa literatura um valor absoluto de verdade, nem um valor completo de mentira, pois essas duas esferas dialogam constantemente. Muitas vezes os historiadores se propõem a contar a realidade dos fatos, em serem fidedignos, porém esquecem que aquele relato está sendo contado por *alguém*, essa pessoa tem o seu ponto de vista e possui suas crenças e seu olhar está depositado nessa versão. Iser (1996a, p. 130) explica que mesmo os textos que tratam sobre assuntos sociais e históricos do mundo “não podem ser vistos como mera reprodução desses elementos porque agora eles se movem em outro ambiente.” Para Iser (1999), fictício e imaginário não podem ser definidos ontologicamente, e a única maneira de evidenciá-los é através da interação entre eles. Ambos são construtos ligados às disposições humanas, que constituem também literatura, daí que, a partir de sua configuração, pode-se compreender a autointerpretação humana levada a cabo pelo processo literário.

Fictício e imaginário estão ligados às disposições humanas por existirem como experiências na vida cotidiana, seja quando se expressam na mentira, ilusão, numa vida imaginária, em devaneios ou alucinações. Se o primeiro se caracteriza por ser intencional (a mentira é um exemplo), o segundo se manifesta pela espontaneidade. Iser (1999) nos alerta, entretanto, que a ficção extrapola a falsidade e a mentira, ou o processo de contar histórias. Se a mentira ultrapassa a verdade, a obra literária ultrapassa o real pela construção de uma realidade virtual, numa espécie de travessia de fronteiras entre dois mundos. Para o reconhecimento do novo mundo, entretanto, não se descarta completamente

o que foi deixado para trás, pois é aí que estão os dispositivos para seu entendimento.

Na literatura, um mundo de possibilidades é aberto, mas são possibilidades abstratas em essência, colocadas em oposição à realidade concreta, sendo preciso imaginá-las. É o que Husserl define como “fantasia”, que uma vez ativada transforma o que é numa modificação radical que leva à recriação das realidades ultrapassadas e à transgressão de fronteiras. Sendo assim, a ativação desse potencial precisa ser moldada, e disso se encarregam os atos de fingir, ao forçarem a fantasia a assumir uma forma, para que as possibilidades abertas por eles possam ser concebidas, já que o próprio ato de fingir não pode conceber aquilo para que apontou (Apud ISER, 1999, p. 71).

Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa* (1994, 1997), escreve que história e ficção se entrecruzam em função de sua temporalidade, considerando que tudo que acontece em face de uma fenomenologia temporal pode ser narrada. A fenomenologia temporal procura no próprio texto aspectos que remetem à estrutura da obra e sua capacidade de extrapolar-se para fora do texto como produto de cultura. Dito dessa forma, o texto não se apresenta apenas como produto de si mesmo, mas serve como veículo de conhecimento do mundo ao qual estão circunscritos os narradores do Tepequém.

Nesse contexto, por exemplo, a narrativa de Seu Porvinha se insere. Ao contar suas histórias de vida, ele apresenta aspectos da realidade em torno do mundo do garimpo, considerando a questão temporal em que a narrativa se inscreve, ao mesmo tempo em que se encadeiam nesse contar elementos de sua criação que é, como já afirmou Iser (1996b), a concretização de um imaginário:

No tempo que eu vim pra cá, eu vim pra cá em 69, isso aqui tudo era mata, não tinha esses campos



aqui não, não era assim, isso aqui era madeira boa, muita caça, porcão aí à vontade. Aqui, conterrâneo, no tempo que eu cheguei aqui, a boiada aqui, tinha boi aqui zerado, não tinha dono. Ficava montado no mato. A gente chegava largava a vinte pra cima e matava, comia e ficava aí no meio da mata.

Ao ser questionado pelo entrevistador como era feita a questão do abastecimento de víveres no garimpo, Seu Porvinha inicialmente faz relato da época em que chegou nele e das transformações ocorridas nesse período. Para isso destaca dois itens: primeiro, a existência de densa vegetação que foi substituída pelos campos que hoje conhecemos, o que, de certa forma, contribuiu para a inexistência na atualidade de caça que na época era farta. Ele também fala da existência de boi sem dono, “montado no mato; era só chegar”, segundo ele, e “largar a vinte pra cima”. Nessa época era costume entre os fazendeiros a criação de gado solto que se evadiam das proximidades das fazendas e tornavam-se propriedade de quem avistasse primeiro. Nessas condições, na narrativa do Seu Porvinha está cravado o aspecto do tempo, uma vez que é pela temporalidade do discurso, como ato de linguagem, que o tempo se demarca. Ricoeur diz sobre isso que:

Contando histórias, os homens articulam sua experiência de tempo, orientam-se no caos das modalidades potenciais de desenvolvimento, marcam com enredos e desenlaces o curso muito complicado das ações reais dos homens. Deste modo, o homem narrador torna inteligível para si mesmo a inconstância das coisas humanas, que tantos sábios, pertencendo a diversas, opuseram à ordem imutável dos astros (1978, p. 16).

Nesse entrecruzar de enredos e desenlaces com as ações reais dos homens que Ricoeur nos fala, Seu Porvinha vai tecendo sua narrativa, ao acrescentar como chegavam os suprimentos para abastecer a grande quantidade de pessoas existentes no garimpo:

A nossa comida que nós comia, vinha pelos bois. Às vezes, aí quando eu já tava aqui, nós encontrava um fogueiro lá em baixo atrás de beber cachaça. “Encontrar fogueiro tá custando demais”. Chegava com aquela cachacinha, não dava pra nada, num instante acabava! Aqui tinha uns dez mil garimpeiros. Pra subir a serra ele metia um espeto no pobrezinho do boi. Ele só faltava falar, só faltava falar. Pro boi subir ligeiro pra puder chegar aqui no Tepequém. Ele pegava um espeto deste tanto. Os espetos já tava pronto, empurrava na ferida do boi, o pobrezinho só faltava falar. “Oh João, por que tu faz uma coisa dessa? Tu achava bom que metesse isto na tua costa?”. “Mas sobreviveram. O pessoal tão precisando de cachaça lá e bóia pra comer.”

Ao narrar como as coisas chegavam ao garimpo, o entrevistado fala das dificuldades desse período visto que a comida “vinha pelos bois” e era necessário que os ajudantes dessa empreitada, os *fogueiros*, “convencessem” os animais introduzindo um espeto neles para que assim subissem a serra. O desfiladeiro por onde isso ocorria ficava logo atrás da casa onde Seu Cuia hoje reside com seus animais. Na narrativa de Seu Porvinha, pensando a partir de Ricoeur, história e ficção se entrecruzam em função de uma fenomenologia temporal, ocasião em que, ao compor seus textos, o narrador veicula conhecimento do mundo que o cerca e sua personalidade.

Benedito Nunes (1988, p. 34), na mesma linha de pensamento de Ricoeur, também enfatiza que “narrar é contar uma história, e contar uma história é desenrolar a experiência humana do tempo”. Portanto, é na reconfiguração do tempo que a narrativa histórica e a narrativa ficcional se entrecruzam. Segundo o que diz Ricoeur:

[...] ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia tão logo quase-presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o caráter esquivo da passividade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história (1997, p. 329).

A aproximação dos discursos histórico e ficcional enquanto formas narrativas situa-se na recriação do tempo. Essa reconfiguração, conforme Ricoeur, tanto para o historiador quanto para o escritor de ficção, é uma operação que reinscreve o tempo vivido sobre o tempo do mundo. Isso dá origem a algo que pretende ser o passado, mas que dele também difere, em termos que, como afirma Ricoeur (1997, p. 330), verifica-se uma relação “circular”, uma vez que é “como quase histórica que a ficção confere ao passado essa vivacidade de evocação que faz de um grande livro de história uma obra-prima literária”. Ainda, Ricoeur estabelece que o que justamente dá perenidade a grandes obras históricas é justamente o caráter apropriado de sua arte poética e retórica à sua maneira de ver o passado. A mesma obra pode ser um grande livro de história e ao mesmo tempo ser um admirável romance, não enfraquecendo neste entrelaçamento o aspecto de “representância” da primeira, mas contribuindo para sua realização.

Tanto a História quanto a ficção transmitem certas ideologias, entretanto a historiografia transcreve um mundo acabado, imutável e inalcançável, enquanto que as narrativas permitem ao leitor interferir, imaginar e recriar a história (ZILBERMAN, 1997, p. 184). No entanto, na visão de Ricoeur,

Podemos ler um livro de história como um romance. Com isso, entramos no pacto de leitura que institui a relação cúmplice entre a voz narrativa e leitor implicado. Em virtude desse pacto, o leitor abaixa a guarda. De bom grado suspende sua desconfiança. Confia. Está pronto para conceder ao historiador o direito exorbitante de conhecer as almas. Em nome desse direito, os historiadores antigos não hesitavam em pôr na boca de seus heróis discursos inventados que os documentos não garantiam, mas apenas tornavam plausíveis (1997, p.323).

Paul Ricoeur propõe uma interpretação de caráter “quase histórico” da ficção aliada a uma interpretação de caráter “quase fictício” do passado histórico. O entrecruzamento entre a história e a ficção na refiguração do tempo se baseia, por fim, nessa sobreposição recíproca, ocasião em que o momento quase histórico da ficção troca de lugar com o momento quase fictício da história. Dessa troca de lugares, procede o que se convencionou chamar de “tempo humano”, em que se conjugam a representância do passado pela história e as variações imaginativas da ficção, sobre o pano de fundo das aporias da fenomenologia do tempo (RICOEUR, 1997, p. 331-332).

Nesse caminho, estão as narrativas orais do garimpo do Tepequém. Na medida em que os narradores aqui trabalhados articulam fragmentos de uma realidade vivida ou observada com elementos de caráter criativo, nessa “troca de lugares” descritos por Ricoeur, eles apontam na direção do imaginário do garimpo, que é representante de uma identidade garimpeira.

A coisa mais fácil para um historiador, para um teórico da literatura, é ignorar as narrativas de pessoas aparentemente simples, esquecidas em regiões ermas como o Tepequém. E os autores desse texto se confessam ainda com uma vontade danada de abandonar esses textos, apesar de apaixonados por eles, por causa da dificuldade em se lidar com essas narrativas que partem da subjetividade desses garimpeiros, da realidade

vivida e da genialidade deles como narrador. Eles estabelecem narrativas que dialogam com a realidade, estabelecendo-a mas, também, questionam o próprio estatuto do factual, pois nitidamente se contradizem ou apresentam aspectos imaginativos. Seu Porvinha, por exemplo, é capaz de articular:

Quando deu um tempo desse eu tava sonhando, professor, que tava lá. Na hora que eu cheguei, professor, eu já tava passando fome. Aí eu pensei: o que é que eu tô fazendo aqui nesse troço? Quando eu acordei, oh meu Deus, eu tô é aqui na minha casa, vou já comer. Bebi cachaça pra tirar esses maus pensamentos. Nunca mais eu vou pra lá, nem em sonho.

Essa narrativa articula a história oficial nacional e as dificuldades de nosso Estado em resolver as questões históricas da seca e da fome do nordeste, com a realidade do Tepequém e a abundância do garimpo que Seu Porvinha conheceu bem. Se não bastasse isso, essa fala nos encaminha para um narrador que domina as técnicas de contar histórias. Em poucas linhas, ousamos dizer, temos um micro conto que apela para ironia e para o riso para tratar de um assunto caro a todos nós brasileiros: a fome do nordeste.

Trabalhar com a oralidade impõe esta instabilidade, de lidar com textos que flutuam entre a realidade, a imaginação e a criatividade. Esses aspectos podem ser encontrados tanto em textos literários, históricos e mesmo, como demonstrado, em narrativas de garimpeiros do lendário Tepequém.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BORDINI, Maria da Glória. *Estudos culturais e estudos literários*. In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. Vários organizadores. São Paulo: Xamã, 1997. p. 107-115.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1996a.

_____. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996b.

_____. *O fictício e o imaginário*. In: ROCHA, João Cezar de Castro. *Teoria da Ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

NUNES, Benedito. Contraponto. In: RIEDEL, Dirce Côrtes. *Narrativa, ficção e história*. Rio de Janeiro: UERJ, 1988.

OLIVEIRA, Laucides. *Boa Vista 1953 uma aventura ... Ah, dias da minha juventude*. Boa Vista: Gráfica Real, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994. t. 1.

_____. _____. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 1995, t. 2.

_____. _____. Campinas: Papyrus, 1997. t. 3.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EdUSP, 1994.

_____. *Meta-história*. São Paulo: EdUSP, 1995.

ZILBERMAN, Regina. História romanceada. In: *Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

